

**A IMAGEM DA ORIGEM E FIM DO CAPITALISMO NO DOCUMENTÁRIO:  
“ENCONTRO COM MILTON SANTOS OU:  
O MUNDO GLOBAL VISTO DO LADO DE CÁ”**

SILVA, Golda Meir Gonçalves da.<sup>1</sup>

**Resumo:** Pensar o audiovisual, da perspectiva dos estudos sócio culturais, a partir de estudiosos da cultura visual, como objeto, fonte e instrumento de ensino e aprendizagem em história<sup>2</sup>. É o objetivo desse artigo colocar em pauta a imagem constituída do capitalismo a partir da discussão proposta no documentário “*Encontro com Milton Santos ou: O Mundo Global visto do lado de cá*”, dirigido por Silvio Tendler, que abarca a globalização, a sociedade do consumo, a fragmentação territorial, as crises, as barreiras físicas e simbólicas impostas, através das mídias, a maior parte da população mundial. No texto a expectativa é articular a cultura visual em suas relações com o campo de estudos históricos, a partir dos estudos de Bakhtin sobre os discurso, aqui propostos pela produção cinematográfica, o dialogismo e a interatividade no que se refere a recepção; de Vygotsky no que se refere a formação social da mente e o signo; de James Wertsch sobre a antropologia de aproximação entre os discursos e os fenômenos culturais; de Marc Ferro no que tange o exame da relação efetiva entre História e Cinema; de Raimond Williams que cuida da teleficção e das teconologias como espaço de formação cultural midiática; e de Rüsen ao tratar da narrativa e da didática história. Sem pretender apresentar o percurso histórico de suas pesquisas, este artigo se ocupará de interpretar algumas relações possíveis entre as imagens fornecidas pelo filme através da fotografia e da história narrada em suas relações internas e externas. O esforço é analisar as possibilidades que parte da produção imagética tanto dos elementos visuais quanto da imagem do discurso ideológico ao qual se presta a produção que se oferece a pesquisa histórica como objeto, fonte e instrumento visual de ensino e aprendizagem no estudo das sociedades humanas, reforçando assim a contribuição da iconografia, seja na dimensão cinematográfica ou fotográfica que podem ampliar a percepção do lugar social que os sujeitos históricos ocupam, num mundo capitalista globalizado.

Palavras Chave: Cinema, História, Capitalismo, Milton Santos, Mundo Global.

A analisar o filme como uma imagem visual, conforme propõe Marc Ferro, no documentário citado, Milton Santos anuncia o “globalitarismo”, entendendo a dominação do capital como uma nova forma, e mais nefasta, de totalitarismo, porque leva suas vítimas a entregar-se “por vontade” ao próprio extermínio. Ao configurar essa nova expressão dos efeitos da globalização o geógrafo concretiza uma imagem expressiva para algo já conhecido. Ele faz

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás – Regional Goiânia. Bolsista CAPES. Sob orientação do prof. Dr. Marcos Antonio de Menezes.

<sup>2</sup> Trabalho final da Disciplina: Histórias e Narrativas Audiovisuais: Perspectivas “dialógicas” entre história, didática da história, cinema e teleficção, ministrada pelo prof. Dr. Roberto Abdala.

emergir da imagem familiar a imagem não evidente. Considerando os estudos de Agamben sobre o contemporâneo, pode-se dizer que Milton Santos atualiza a imagem já assimilada da globalização, desvelando o que nela o óbvio esconde, o que está ausente da compreensão usual que dela se tem, o que ela guarda em si de indesejável, nos contextos onde se aplica, a tornando contemporânea das condições socioculturais, espaço temporalmente, a ela relacionados. Essa ruptura do movimento sincrônico, para o que está estabelecido como globalização, *tudo ao alcance de todos*, imprime um “intempestivo”, gerando novos movimentos, ou seja, atitudes responsivas do público alvo e, conseqüentemente, respostas ativas e interativas para um dado que se queria já cristalizado. Segundo Bakhtin o signo linguístico, em seu desenvolvimento concreto, ou seja, na relação inter e intrapessoal, aqui apresentada audiovisualmente, emerge de vozes concorrentes e se transforma por influência das circunstâncias, das condições sob pressão da criação imaginativa em uma imagem sócio histórica controversa. Porque em seu entendimento as imagens podem ser a expressão da relação pessoa/cultura. E os signos culturais, econômicos, políticos, ambientais etc. podem ser verbal e/ou imageticamente construídos.

O desenvolvimento para esse autor é limitado pelos elementos que dialogam com as diversas realidades concretizadas através dos discursos que formula e constantemente altera na sua relação com o outro independentemente do seu formato aparente. O signo em Bakhtin é de natureza ideológica, remetendo a um significado fora de si mesmo. E por ser ideológico, o signo é carregado de significações contextuais. É, exatamente, o que Milton Santos faz, ele contextualiza a globalização e desvela suas muitas faces, as suas diversas imagens possíveis. Assim como Bakhtin, Santos considera o signo que se configura como globalização, como um fragmento da realidade que se inter-relaciona com outros signos também carregados de marcas ideológicas, influenciando e sendo influenciado pelo próprio contexto e pelo contexto dos seus interlocutores.

No entendimento de Santos, segundo a narrativa construída por Tendler, atualmente não é o Estado a esfera decisória, mas que este poder está nas mãos dos detentores do capital, que controlam a informação e tentam por todos os meios se apropriar dos bens naturais e materiais básicos e expropriar o povo de todo e qualquer controle sobre sua sobrevivência ou não. De acordo com o pensador documentado o desemprego, o desabrigo e a fome são obras de escolhas perversas do “Livre Mercado”, que só é livre quando isto convém ao grande capital. E todas as

ações dos organismos financeiros que controlam a produção de bens e serviços ocorrem em virtude de interesses econômicos e políticos para garantir o poder nas mãos de quem ele está.

Considerando a definição da expressão “Livre Mercado”, elencada por Santos, é possível repensar este enunciado de forma ativa, dialogicamente, segundo os termos de Bakhtin. E explorar como essa configuração textual prefigura o campo prático da vida humana e sua refiguração pela recepção da imagem de liberdade do mercado proposta na obra de Tandler, colocando em relação a compreensão de Milton Santos com a do público para o qual se manifesta o documentário, cuja ideologia expressa ressalta a dinâmica da intriga entre a narrativa cinematográfica e o discurso histórico. A mediação dessa dinâmica, realizada pelo cinema, traduzindo termos linguísticos, conceitos econômicos e políticos em uma experiência audiovisual concreta.

As imagens áudio e/ou visuais como linguagem é viva e evolutiva historicamente na comunicação verbal ou visual concreta, é dinâmica e despertada na consciência e faz experimentar sempre um exercício de reelaboração exigindo uma resposta ativa. Se nos aproximarmos do pensamento elaborado por Ricoeur, em sua compreensão de que além de possibilitar o contato consciente com a cultura, as imagens verbais e/ou audiovisuais criam e se recriam constantemente, podemos reafirmar que a compreensão de Bakhtin de recepção/compreensão ilustra o movimento dialógico dessa enunciação imagética, ela demanda um esforço dos interlocutores de colocar a linguagem em relação ao outro. Dessa perspectiva a imagem, seja ela oral, verbal e/ou visual é dialógica e se caracteriza por vozes polêmicas em um discurso. Considerando dialogismo como uma interação tensa que guarda um conflito entre, neste caso, a imagem e o outro, num processo delimitado de esclarecimento mútuo. O dialogismo é um atravessamento fronteiro dado pela alteridade da interlocução em determinados contextos socioculturais e se alicerça na concepção sociointeracional da linguagem ativamente responsiva. É, portanto, o permanente diálogo entre o eu e o outro, o homem, o meio e seus contextos estabelecido dialeticamente.

Milton Santos se diz pessimista com as condições atuais, mas otimista com o devir, que as novas formas de ação resistente prometem. Seu entendimento é de que as mudanças ocorrerão a partir dos de baixo, que o massacre se tornou tão devastador que não pode mais ser ignorado e muito menos aceito. Portanto, acredita ele, que os movimentos sociais ganham uma força renovadora quanto maior a opressão. Opressão esta promovida e sustentada para dificultar

a solidariedade entre os explorados e abandonados sociais, impossibilitando assim o exercício da cidadania em qualquer desses espaços conflituosos. Porém, as reações ao que se desenvolve em virtude das ações opressoras, revela a imagem de um futuro transformado, exatamente, por aqueles silenciados ou apagados pelos mecanismos de representação política, que eliminam da cena social, econômica e política os indesejáveis, mas que não conseguem fazê-lo nos espaços de domínio da expressão cultural. Neste espaço as vozes divergentes se manifestam através da arte, da religião, dos movimentos sociais de base, enfim de uma imagem consequente da opressão que ao tentar apagar pode estar ressaltando de acordo com Santos.

As teorias miltonianas marcam rupturas teórico-metodológicas na década de 70. Ele se beneficiou do ambiente acadêmico da Bordeaux, em 1960, aberto ao debate científico e produziu uma obra original, pensando o chamado “Terceiro Mundo” sob nova perspectiva, que permitia uma análise da dinâmica e das especificidades dos países em desenvolvimento que se espelhavam nos países desenvolvidos. Gonçalves e Elias (2002) ao analisar a obra de Milton Santos a divide em três dimensões, sendo: a teórico-metodológica, a de caráter empírico e a de caráter ético-político. Independentemente das falhas dessa divisão, Tavares e Silva (2011) afirmam que a obra miltoniana expõe com clareza a relação entre teoria e empiria, garantindo que a ideia de renovação reflita a realidade social concreta dos países objetos de seus estudos, capturando especificidades e dinâmicas próprias de cada um.

Em Milton Santos a prática pode ser compreendida como um momento da teoria. Um percurso que dela emerge e a ela retorna concordando com o pensamento de Lefbvre (1979, p. 235). Milton Santos tem uma visão diferenciada sobre globalização, a vê como perversa, como responsável pelo abandono social e a acusa de se ter constituído para defender única e exclusivamente o livre trânsito comercial e financeiro. Porém também aponta para a possibilidade de “outra globalização” que escapa a visão de mundo que nos tem sido apresentada pelas mídias como se fosse esta uma condição natural e irrevogável. Destaca que a padronização da produção e do consumo, distanciado das demandas sociais não é o único modo possível de atuação da sociedade sobre o meio ambiente. Suas análises revelam o mundo como ele é, uma evolução fantasiosa, negativa do ser e do fazer humano nos processos produtivos. Mas, também desvela o mundo como ele pode ser, a partir de um processo globalizante que engaje sistematicamente todas as pessoas, que sirva a interesses sociais, culturais e políticos,

além do econômico, disponibilizando a tecnologia para a realização de projetos mais direcionados para o desenvolvimento humano.

A globalização perversa, de acordo com Milton Santos, gera Estados enfraquecidos, incapazes de intervir, porque já não tem poder decisório, são os sistemas financeiros, mercadológicos e informacionais que decidem, levando a ampliação insustentável da miséria humana, a profunda fragmentação dos espaços geográficos e a promoção de conflitos internos e externos explosivos. Os limites desse processo, a partir de sua análise, podem ser demarcados pela necessidade de novos valores e atitudes que se produzem silenciosamente em meio a disparidades sociais, fazendo crescer movimentos de resistência, caracterizados culturalmente e constituídos pela diversidade de indivíduos inseridos, ainda que a força, nesse processo. A mudança ocorrerá porque, segundo Milton Santos, o capitalismo não consegue produzir capital e lucro sem gerar crises, fazendo crescer o número de afetados insatisfeitos com as condições a que são submetidos em nome do bem de poucos. Portanto os instrumentos criados pelo capital para sua expansão e manutenção poderão utilizados para determinar o seu próprio fim.

No documento audiovisual em foco a imagem da opressão revela o seu duplo. Segundo Robert Stam, poderíamos dizer que ela adquire uma intertextualidade, na medida em que fomenta discursos e contraditórios, porque remete-se ao outro, ao construir o seu nexos. Ao mostrar a possibilidade do fim desejado não ser o fim alcançado, dá-se o que Stam propõe como espaço de intertextualidade, é apresentado na linguagem audiovisual as diversas vozes do fenômeno opressor. Esta compreensão pode ser aplicada à outras mídias como as artes plásticas, a publicidade etc. enquanto estas travam um diálogo com diversas vozes e não rompem com as relações históricas. Para Stam, portanto, o dialogismo visual é intertextual, porque sugere que todas as formas de texto são, na verdade, intersecções de outras faces textuais que pode ser escrito, oral e/ou visual. O conceito defendido pelo autor refere-se a infinitas possibilidades geradas pelas práticas discursivas de uma cultura que explora todas as linguagens possíveis, em funcionamento real, nas suas relações que podem ser contratuais ou polêmicas, convergentes ou divergentes.

Considerando o entendimento de Stam, sobre intertextualidade, cuja predisposição é impactar nossa capacidade de adaptação, a reflexão de Milton Santos, que pressupõe a não existência de cidadania no Brasil, e acusa a classe média de não lutar por direitos e sim por privilégios, num jogo sórdido de interesses que expropria o povo de direitos básicos, dialoga

diretamente com outros textos, quais sejam, o histórico, o econômico, o político, o social etc. E questiona a imagem da classe média, amplamente explorada, como defensora dos direitos civis. Santos também compõe uma imagem positiva do Estado, não vislumbra a sua aniquilação. Segundo ele o Estado ainda é a única força que o povo tem para dismantelar as fontes geradoras de diferenças e desigualdades, no entanto o Estado deve, para o fim proposto, se tornar socializante, aproximando as questões econômicas das questões sociais. Uma observação superficial, pode revelar uma imagem de Estado bem diferenciada desta nos meios midiáticos, com um discurso contrário, especialmente, nas classes mais afortunadas. Novamente, o intertexto, faz com que os interlocutores do documentário reelaborem a imagem estabilizada que por ventura tenham de Estado e cidadania, não por meio da internalização, mas por experienciar novos modos de compreensão que alcançam e estimulam todos os níveis sensoriais a disposição.

Internamente o documentário põe destaque questões históricas importantes, ao apresentar as conclusões de Milton Santos quando este alega que atualmente não se discute temas fundamentais, com a seriedade necessária, tais como: democracia, conceito completamente esvaziado de sentido; civilização, discussão que no entendimento desse pensador cedeu, impropriamente, lugar a discussões meramente voltadas às soluções de crises econômicas e que o social fora abandonado à barbárie; e humanidade, porque de acordo com a sua compreensão as sociedades nunca foram humanas, houveram até aqui ensaios e apenas muito recentemente as pessoas começaram a construir e exercitar de fato sua humanidade. Assim ao problematizar a humanidade das sociedades, como um corpo amplo, que extrapola o indivíduo, mas que o inclui.

A partir compreensão de que a humanização não é natural, mas característica em construção, Milton Santos percebe o espaço da educação como espaço de compromisso com uma ética social, e entende os recursos midiáticos e imagéticos como tal, se voltado às demandas humanas e não de mercado, considerando o campo áudio e/ou visual, um lugar de embates políticos e de confronto de ideias. Nos moldes atuais o ensino aprendizagem se volta para o atendimento de interesses econômicos que moldam os indivíduos para a passividade diante da realidade social, ainda que se reconheça formas inovadoras de resistência, como poderíamos apontar o não aprendizado, mas para tal seria preciso um estudo mais profundo sobre a questão. Os investimentos são direcionados para as instituições que qualificam

trabalhadores técnicos e mesmo assim, numa medida restrita a atuação braçal e de acordo com as demandas de mão-de-obra pelas empresas.

A que se considerar a ideologia por traz da imagem, seja ela fílmica ou não, sua natureza e função camuflada ou transparente. As imagens são pontos de vista de uma pessoa, instituição ou grupo social, nunca são objetivas, ainda que se pretendam a isso. Nada é neutro na linguagem, seja ela qual for. As imagens são, sem dúvida, a expressão do ponto de vista de seus narradores, as vezes dos seus representados, mas também podem ser a expressão do ponto de vista dos seus interlocutores. Não se pode negar, como pretende o discurso histórico mais arraigado na tradição positivista, cuja pretensão característica é o distanciamento, a empatia, a diluição do ponto de vista, que nos documentos imagéticos sempre há um ponto de vista mobilizado pela narrativa a ser considerado, qual seja, o do narrador, conforme definição de Ismail Xavier, um princípio orientador de escolhas que implica uma certa sucessão de imagens e sons conciliados ou não. A desejada neutralidade pretende um relato autônomo, que esta autonomia se manifeste no produto imagético e que este pareça narrar-se a si mesmo. No entanto, estas aproximações operatórias com a produção histórica, nos possibilita perceber a imagem como fonte e também como objeto histórico problemáticos, que sofre as mesmas intemperes.

O documentário é acusado de embelezar a miséria, por não realizar questionamentos incômodos e por não oferecer nenhuma resposta. Mas, segundo seus produtores e diretor, a proposta era trazer à tona as ideias do entrevistado. Porém o filme, como imagem dos pensamentos de Milton Santos, não se furta a explicar conceitos e definições essenciais, como a compreensão do pensador sobre a cultura popular e esclarecimentos sobre o consenso de Washington. O documentário aponta as lutas político-sociais na América Latina, a dicotomia entre a vontade popular e as decisões em Davos etc. O foco central, sem dúvida é o pensamento humanista de Milton Santos que aborda a colonização econômico-social e convida os “não-cidadãos” a perceber um mundo velado pelas agências de informação, apresentado de forma irrefletida como um trunfo a favor dos poderosos com o propósito de não inquietar de acordo com a crítica de Luiz Santiago (2014).

É possível apontar através das imagens elencadas no filme, as diversas maneiras em que a história se manifesta no cinema ou nas imagens como um todo mais amplo, é possível citar a tradição herdada do positivismo que se preocupa com a transcrição dos dados da fonte original,

os figurinos fieis ao período que reportam, a reconstituição dos personagens populares etc. As imagens contribuem para a difusão dos saberes sobre a história”, têm valor pedagógico, neste caso específico, interliga discursos históricos diversos e mais amplos, promove a intertextualidade discutida em Stam, e o faz através da fotografia e do cinema simultaneamente, posto que o filme intercala imagens aparentemente estáticas e em movimento, mostrando-se à história como quadro e sequência, como fonte e objeto, como espaço de contextualização e de crítica.

Ao transmitir as imagens do passado a montagem o insere no presente dando-lhe sentido ou lhe dando as indicações das direções dos percursos históricos dos fatos de interesse da narrativa. O filme, assim como a fotografia, não recupera a realidade passada, mas as realidades dadas pelo presente em relação ao passado, considerando o incognoscível da vontade do fotógrafo, do cineasta, ou do historiador de maneira, pressupostamente, inconsciente. O fato é que as imagens trazem para o historiador contribuições complementares, novos materiais que permitem conhecer melhor aspectos de outros períodos. Podem mostrar, de forma mais evidente, a responsabilidade da opinião pública na origem dos conflitos e processos de transformação ou manutenção das realidades ou utopias sociais. Pode questionar com seus recursos, o espectador, sobre as causas silenciadas de uma guerra ou a relação entre inúmeras causas ou mesmo mostrar uma guerra não perceptível a olho nu. O que o documentário possibilita ver é imagem de uma guerra, ampla, sendo fomentada, engendrada nas entrelinhas do controle, do poder e da opressão. As imagens ressaltadas podem indicar os problemas em torno de determinados “fatos”, fomentando uma melhor reflexão histórica. A fonte visual, traz uma realidade distinta das fontes tradicionais, revela a fragilidade da pertinência histórica do documento apenas escrito e abre a possibilidade de ver o passado no furo do presente, nas expectativas de um futuro.

Milton Santos, nasceu na Bahia em 03 de maio de 1926, período crítico e de efervescência econômica global, formado em direito, se destacou nos estudos geográficos, estudou na França e analisou questões de urbanização e Terceiro Mundo. Contestou a geografia francesa e seus conceitos. Faleceu em 2001, depois de publicar mais de 40 títulos sobre seus estudos geográficos.

Silva (2009) a partir do pensamento miltoniano analisa se a educação posta *“pode ser entendida e transformada no contexto sócio-histórico e assumir uma postura contrária a lógica*



*do capital*". Focando nos conceitos, utilizados pelo pensador, "espaço", "globalização", "globalitarismo", "pensamento único", "pensamento universal", "cidadania", "Experiência, sabedoria da escassez", analisa-os em paralelo com a educação formal brasileira, refletindo sobre as políticas educacionais visando estabelecer a relação entre a organização dos movimentos sociais e a educação em sua realidade contraditória, especialmente no Brasil. O estudo dos conceitos apontados subsidia o entendimento do contexto histórico no qual a educação formal esta inserida e o espaço que ocupa na sociedade do capital globalizada economicamente. Considerando a educação como esfera social que possui a dimensão política, constituída num campo de luta ideológica dirigida pela classe hegemônica e consentida pela base social, através da elaboração da ideia de atendimento a um interesse geral pensando a partir dos escritos de Gramsci (1989). Milton Santos vê as condições materiais produzidas pelo capital, como elementos favoráveis à transformação que depende dos sujeitos sociais estarem disponíveis, envolvidos e organizados.

O pensamento de Milton Santos, expresso no filme, pode ser um elemento articulador na luta pela transformação crítica da sociedade e por conseguinte da educação formal, porque este pensador reflete sobre elementos históricos, políticos e sociais que influenciaram o desenvolvimento intelectual e sua análise integra os recursos midiáticos como espaços de formação e crítica sociocultural. A educação para as classes populares, historicamente, atendeu as demandas do capital, qual seja, qualificação de mão-de-obra. Mas, a partir da análise da realidade dos supostos cidadãos e dos seus espaços de alienação na sociedade é que se insere uma compreensão do pensamento de Milton Santos sobre as possibilidades educacionais num contexto globalizado. Sendo a escola um desses espaços de expressão ideológica, condição determinante de condicionamento histórico. Para ele o desenvolvimento das ideias intelectuais se estabelece em relação a educação formal e tem contribuído para legitimar as políticas do ideário neoliberal compreensão esta evidenciada na imagem fílmica constituída através do documentário. A maneira de a educação contribuir para a transformação social é voltar-se para a liberdade do pensamento, escapando as características subservientes, historicamente demarcadas, aproximando-se da liderança autônoma.

Segundo pensamento miltoniano, filmado, a própria pesquisa no Brasil é pragmatista e não oferece retorno a sociedade, porque se prostituindo com a indústria editorial as atividades intelectuais levam a redução do pensamento crítico. E como exemplo se pode citar a produção

dos materiais didáticos, que hoje estão completamente comprometidos com as regras do mercado e com os interesses ideológicos do Estado. Nota-se, de acordo com sua análise, uma educação produtivista, objetivando a defesa do lucro. Portanto a proposta do pensamento de Milton Santos, no filme, é transformar a educação em objeto de estudo dentro da concepção de Estado Liberal e efetivar no meio educacional uma proposta isenta, ao máximo, de conflitos de interesses. Nessa perspectiva os esforços por um Estado Mínimo devem ser refletidos a exaustão. E esse ideário deve ser combatido porque leva a ausência de investimentos em setores de fundamental importância para as transformações sociais. Santos combate a ideia de dividir com a iniciativa privada a obrigação do Estado na educação. Sendo que esta “parceria” resulta na competição e aquecimento do mercado e não promove melhorias na qualidade do ensino e aprendizagem. Pelo contrário transforma educação em mercadoria, como de fato está posto atualmente. E esta escola paga também não oferece a formação humana, se volta apenas para o desenvolvimento de competências que priorizam a quantidade em detrimento da qualidade. Portanto a educação, subserviente ao capital é utilitarista e promove a artificialização do ser humano pela técnica e faz a manutenção de exploradores e explorados.

As desigualdades educacionais não permitem uma formação que ofereça, promova ou auxilie no desenvolvimento de uma sociedade mais igual e justa. Os investimentos em nível público e privado potencializam para o trabalho e não para a crítica e autonomia social e política. O acesso à educação, no contexto analisado por Milton Santos, e apresentado por Silvio Tandler, é porta de entrada para o mundo do trabalho, ainda que não seja uma garantia de emprego, porque o fracasso profissional foi tornado responsabilidade exclusiva do indivíduo.

Ao propor a responsabilidade de diversos setores sociais com a situação da educação, as imagens construídas e desconstruídas, através da transição da estrutura simultânea do campo áudio e/ou visual reúne atividades isoladas, combinando elementos diversos num único campo de atenção, estruturando assim a *memória*, que se torna um novo método de unir elementos e experiências. A inclusão de signos na percepção temporal cria condições para o desenvolvimento de um sistema único que inclui passado, presente e futuro, o que “*engloba duas novas funções a intenção e a representação simbólica das ações propositadas*”. Nesse sentido Williams ao tratar da linguagem como definição dos seres humanos no mundo, a enfoca como atividade histórica, como uma abertura, uma possibilidade de articulação da experiência social ativa e dinâmica. A partir da sua compreensão, podemos pressupor que a linguagem

imagética não se compõe apenas dos signos que movimenta, mas é um processo material característico que pode se manifestar de forma consistente em uma diversidade de atividades humanas, cujos sinais são fatos coletivos cambiáveis passíveis de transformações. O que se pode observar na produção cinematográfica em foco.

Numa montagem imagética, fílmica ou fotográfica, é possível identificar as diversas camadas sociais, suas esperanças, fortunas, as condições objetivas do seu presente, às alucinações coletivas, as expectativas destes em relação ao futuro que nos é presente. O historiador deve enfrentar a análise imagética. Não se trata de fazer a obra confessar um sentido, nem de postular um sentido exterior, mas de examinar os sentidos produzidos. O filme, ou as imagens, possui um movimento próprio, cabe ao estudioso identificar o seu fluxo e refluxo. Tudo pode e deve ser levado em conta. O relevante ou irrelevante não é um dado a priori, há a necessidade de desvendar os projetos ideológicos com os quais a obra dialoga, travar um diálogo com seu próprio contexto interno e externo. A imagem não é um ponto de cristalização, é antes uma pluralidade que conecta harmonias e conflitos, conjunções e disjunções, concordâncias e discordâncias, ela rompe com suas próprias fronteiras.

Na experiência do cinema, Marc Ferro, em seu texto “O acidente denunciativo”, pensa como a mensagem se constrói no diálogo entre a obra imagética, o contexto social e o sujeito cultural e busca analisar os significados que não estão apenas na obra, mas no ato de sua exibição, desvelando a estratégia situacionista da recepção, que nem sempre visa uma tomada de consciência, mas pode levar a uma percepção dos papéis de cada sujeito nas atividades humanas se mediada por operação histórica. Para tal podemos nos apropriar dos estudos de Vygotsky, que procurou formular uma abordagem abrangente, descritiva e explicativa das funções psicológicas superiores, incluindo o contexto social nas relações entre sujeito, objeto e circunstância, com o objetivo de estabelecer as origens sociais da linguagem e do pensamento pelos quais a cultura se torna parte da natureza dos seres humanos.

A teoria de Vygotsky entende que a base essencial do pensamento humano se relaciona com a dinâmica que altera qualitativa e constantemente o seu próprio meio. Apoiado pelos pressupostos do materialismo histórico e dialético de Marx e Engels, entende que “a relação entre pensamento e linguagem é um dos aspectos mais importantes” no desenvolvimento humano. Ele estabelece que tudo é favorecido e incrementado pelo uso de velhos e novos instrumentos, sendo eles mediadores, concretos ou simbólicos, na relação do humano com o

meio ambiente. Sendo esta uma relação tensa, quando da submissão a um dado sistema, investigativo da identidade e da memória coletiva como o é a História, tenha ela o as imagens áudio e/ou visuais como fonte ou como objeto.

Pode-se defender que a imagem, no seu aspecto objetal e de fonte histórica, possibilita interações socioculturais e integração espaço-temporal de diversos contextos e pode revelar o quanto e como as mudanças na vida material produziram mudanças no cotidiano da vida humana. Segundo Wertsch, existe uma tensão irreduzível entre os agentes e as ferramentas, não sendo possível compreender a ação humana sem a presença e a influência das ferramentas nessa ação. O “domínio” e “apropriação”, segundo Bakhtin, das ferramentas culturais, ou seja, o “processo pelo qual os agentes tomam algo emprestado de outros e o tornam próprio”, realizando uma ação prática própria, que converte as ferramentas culturais no poder de transformação da ação que mediam e lhes conferem esse poder provocando uma tensão irreduzível entre si mesmas e seus agentes nas relações internas e externas que se estabelecem ao se configurarem ativamente a partir dos processos de percepção envolvendo o sensorial através do engajamento em atividades interativas por meio das diversas linguagens, que fornece caminhos possíveis para se atingir os objetivos educacionais conforme proposto em *A Formação Social da Mente*<sup>3</sup>. A partir da interação social, entre os seres e entre estes e os objetos de sua criação ou da natureza, no entendimento de Vygotsky, se dá a transformação da atividade prática. A dialética se configura no processo, quando antes de controlar o próprio comportamento, começa-se a controlar o ambiente com o auxílio de instrumentos mediadores, o que produz uma nova organização do comportamento em resposta, portanto podemos compreender, a partir dessas observações que a produção cinematográfica ou fotográfica, que reúne essas facetas em sua construção e expressão é um instrumento poderoso nos processos de ensino e aprendizagem, inclusive de História.

A linguagem imagética realiza-se dinamicamente, seja ela uma composição cinematográfica ou fotográfica, os movimentos internos em suas relações materiais e sociais, bem como a estrutura que apresenta se liga aos diálogos que procura estabelecer ligações em

---

<sup>3</sup> Obra de Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934), advogado e filólogo, iniciou sua carreira como psicólogo em 1917. Nascido em Orsha, na Bielo-Rússia. Estudou na universidade de Moscou, lecionou literatura e psicologia em Gomel. Leitor assíduo de temas como Linguística, Ciências Sociais, Psicologia, Filosofia e Artes. Pensador pioneiro nas convicções de que o desenvolvimento mental se dá influenciado pelo meio e pelas condições de vida que são, constantemente, alteradas pelos sujeitos.

determinados meios ou por determinados meios. É um processo histórico configurado e determinado culturalmente com propriedade e leis específicas, constituída e constituidora do que se manifesta nas suas várias expressões. É um processo ativo que envolve o objeto em si, como linguagem e significação, indissolúvel e dialogicamente permanente na sua própria constituição. Os signos imagéticos têm papel importante na atenção voluntária e na memória, funcionam como auxílio, de meio externo, que possibilita uma lembrança mediada, característica essencial dos processos mentais superiores.

Refletindo sobre a possibilidade de mudanças, também pela inclusão dos estudos da cultura visual como um todo, Milton Santos a percebe como obra dos de baixo, cujos atores principais serão os deserdados e pobres, de pensamento livre e de discurso diverso que descobrem diariamente formas inéditas de trabalho e luta baseadas na inconformidade e na rebeldia. A ideia de universalizar o ensino básico, propagada pela Constituição de 1988, não foi ainda concretizada segundo este pensador, mas a disseminação de uma pedagogia histórico-crítica pode levar a educação a se tornar mediadora de uma sociedade mais igualitária e produzir ações que podem mudar o mundo de acordo com o pensamento miltoniano. Embora os planos de desenvolvimento educacionais pressionem para produzir quantidades que respondam aos interesses do mercado, nada está determinado. Os inúmeros intercâmbios possibilitados pelas tecnologias da informação, que de modo incontrolável divulgam as explorações a que estão sujeitos os povos e as ditaduras culturais impostas em detrimento da diversidade, são uma mola propulsora de mudanças. Portanto existem novas formas de intervenção nos espaços econômicos, sociais, culturais e políticos sendo fomentadas a revelia das grandes corporações capitalistas, nos níveis sociais mais baixos onde a produção e o consumo não são prioridades. É uma fábula a impossibilidade de mudanças, segundo o pensamento de Milton Santos, porque as ideologias para se manter precisam ser minimamente, consensuadas e defender um discurso único. Mas vemos brotar intensos conflitos gerados pelas ações do capital e soam inúmeras vozes dissonantes.

A reelaboração do pensamento democrático e a incorporação de uma nova cidadania nos níveis populares começam a levantar questionamentos sobre as determinações neoliberais destinadas ao sistema educacional, fomentando um processo emancipatório que busca um paralelo entre o “ser trabalhador” e o “ser humano”. As imposições tecnológicas, como fenômeno puramente econômico, estão envolvidas num novo processo de dominação e não

podem ser tratadas sem considerar o estado técnico e político da sociedade, sem considerar a história e sem garantir o compromisso com a construção de um mundo diferente daquele proposto pelo globalitarismo.

Enfim Milton Santos entende a globalização, no que se refere a educação como uma possibilidade voltada para humanização crítica e analítica do trabalho como representação da cultura humana na busca pela compreensão das transformações sociais e ambientais. E lhe contrapõe globalitarismo como uma possibilidade de educação utilitária, que prevê o domínio de habilidades e técnicas descontextualizadas do mundo real que é perverso, contraditório, desigual, competitivo, controlado pelo fundamentalismo do mercado e do consumo, sustentado pela ignorância da maior parte da população despreparada para refletir sobre as informações que recebe, no qual os espaços de lutas são controlados ou desmantelados pela produção acelerada do capital, de suas crises e reestruturações. Muito embora, a imagem divulgada desse mundo, pelas agências de informação, se afigure como uma aldeia global onde se tem acesso a tudo, conhecimento de tudo a todo momento, no qual o tratamento da realidade é uma fábula, no qual a informação e a cultura são frutos ideológicos e meios de contenção de revoltas sociais. No entanto, Milton Santos percebe a possibilidade de um mundo diferente no qual haja espaço para o embate ideológico, para o compromisso político-partidário responsável socialmente e transformador, no qual se rompa com o globalitarismo e se instale uma globalização para todos resistente ao privilégio, favorável a diversidade cultural e ao uso da técnica a favor do desenvolvimento humano.

Milton Santos traça um paralelo entre globalização e uma educação mais humana e consistente, afastada dos exageros do tecnicismo e fora do controle do mercado, onde a ciência comanda a técnica e o interesse social norteia a ciência e a prática pedagógica. E onde esta não tome índices estatísticos como meta, mas sim o ensino aprendizagem em todos os níveis. Este pensador entende que estes índices podem ser utilizados para retardar, por exemplo, a alfabetização e deixar os pobres ainda mais pobres (SANTOS, 2001, p.4). Para ele a educação não consegue sozinha transformar a sociedade, mas como espaço fundamental de reflexão precisa passar por mudanças estruturais que retire seu caráter subserviente, elitista, utilitarista e excludente.

Portanto os efeitos da globalização sobre a educação, com base na compreensão de Milton Santos, é a intensificação das desigualdades sociais, é um reforço ideológico de que para

ser é preciso ter, é o fomento que leva a pensar, ilusoriamente, que a educação com a globalização tenha se tornado mais qualificadora, enquanto na verdade se configure apenas como um meio de profissionalização precoce com vistas ao utilitarismo.

A análise de Andrioli e Santos (s/d) também entende que a globalização converge tudo para a padronização neoliberal, forçando o abandono do diálogo crítico da realidade, como salientado por Milton Santos. E concordam que apenas as fronteiras mercadológicas, econômicas foram expandidas e que a educação se encontra num limite delicado entre a submissão e a autonomia nesse contexto. Porém enquanto Milton Santos vê nas mídias uma possibilidade de resistência, Andrioli e Santos as considera como instrumentos de (des)educação. Ambos entendem que o contexto influencia grandemente a prática educativa e as políticas em relação a ela. Veem nos avanços tecnológicos meios possíveis de transformação social se utilizado para construir uma sociedade mais humana e não para sustentar as exigências do mercado e do lucro. E ambos criticam a transformação da escola em um negócio lucrativo e o uso subserviente da racionalidade em prol da rentabilidade.

No que tange o compromisso ético na construção da autonomia da escola, Milton Santos e Sanfelice (2000), concordam que a globalização e o neoliberalismo produzem uma ética própria dos poderosos que não é de fato ética, porque não pensa o todo e a escola não está isenta desse falsa ética que propaga e estimula reformas coercitivas pertinentes ao mercado autoritário que propiciam o desmantelamento das instituições sociais e que geram um sistema econômico promotor de desigualdades e exclusões.

Embora, Libâneo (2007) entenda e questione o papel da escola no contexto da globalização como espaço de defesa da ideologia de mercado, concorda com Milton Santos ao perceber que emergem mudanças de posturas e práticas motivadas pelos meios mais ágeis de socialização das informações. E que é papel fundamental da escola refletir sobre o sistema capitalista que a rege e reagir a ele, buscando de forma organizada e política implementar mudanças que respeitem o desenvolvimento humano e não apenas os interesses mercadológicos. Libâneo também não ignora a força e utilidade das novas tecnologias, mas alerta para seu uso meramente técnico, entendendo que o acesso a informação deva ser acompanhado de preparação crítica para uma interpretação autônoma da realidade. Mas Libâneo não vê a globalização como algo positivo, mas como um mecanismo de completa

desregulamentação ou desmonte dos organismos que poderiam assegurar os direitos sociais básicos as populações carentes no mundo.

O pensamento de Cury (1992), sobre a situação fronteiriça colocada pela Constituição de 1988, em relação a participação pública e privada no sistema educacional, concorda com o pensamento de Milton Santos, que vê nessa fronteira a possibilidade de transformar a atividade educativa em uma opção lucrativa, entendendo-a como prejudicial ao desenvolvimento humano, autônomo e crítico.

O que se percebe é que todos esses estudiosos não ignoram o potencial tecnológico como instrumentos de mudança. Que compreendem as políticas e investimentos educacionais, nos moldes atuais, como meios ideológicos propagadores da exclusão e das desigualdades sociais e alienadores do ser humano. Veem a educação como reflexo do contexto político, cultural, econômico e social, mas também a compreendem como instrumento transformador das realidades postas, embora não seja responsável pela totalidade das mudanças necessárias para a construção de um mundo mais justo. Ambos, guardadas algumas particularidades e divergências, não creditam a globalização o sentido que lhe é apregoado pelo mercado, entendendo-a como possibilidade universal apenas no que se refere ao trânsito de mercadorias e capital. Enquanto os demais autores citados pensam a educação formal como condição essencial para a mudança, Milton Santos percebe a possibilidade desse movimento se organizar em bases nada convencionais, vê uma origem completamente popular de resistência, embora resista em definir o que seja esse “popular”, temendo findá-lo antes do início. O pensamento miltoniano, parece não prever uma revolução, como aquelas elaboradas a partir do século XVIII, mas uma evolução, mesmo porque se afirma como marxizante.

Considerando o papel do desenvolvimento da mídia nas novas configurações da história, partindo das compreensões de Rüsen, podemos compreender que o discurso imagético está carregado de memória. Portanto, as novas formas de experimentar e interpretar o mundo, tratado por Rüsen como Cultura Histórica, resultam também de manifestações imagéticas, como fruto da comunicação de massa. E as produções áudio e/ou visuais fazem parte dessas manifestações, que através de seus vários gêneros, promove uma produção sógnica ímpar, capaz de influenciar e mudar comportamentos. A imagem como um espaço de reconstituição da memória, como um instrumento mediador entre vários tempos torna possível um diálogo com o que Rüsen propõe entre história e narrativa, sendo a narrativa um meio inerente para a



concretização da História como experiência articulada no tempo. O tempo histórico narrativo se configura para a compreensão da ação que é mediada simbolicamente através do uso de signos imagéticos. A narrativa áudio e/ou visual, é restituída ao tempo do agir, é no receptor que se amplia seu percurso infinito. A imagem é, portanto, a intersecção entre dois mundos e precede de uma ação efetiva para exibir a sua temporalidade específica em relação a outras propostas. Dessa perspectiva o texto imagético é uma obra de interação em si mesmo e entre seus interlocutores. A abordagem das imagens deve considerar a análise dos processos e não somente dos objetos áudio e/ou visuais. Pensar as dinâmicas e desdobramentos da narrativa investigando mais do que a aparência externa das imagens, mas seus diversos aspectos, procurando estabelecer as relações entre os estímulos internos e externos e as respostas.

Walter Benjamin aponta o cinema como um agente eficaz, neste aspecto, pois o considera causador de transformações significativas no modo de percepção e recepção. Em sua análise da modernidade, refletiu sobre a montagem e a exibição cinematográfica em relação as transformações sociais coletivas. Ele considerou que a reprodutibilidade técnica e a difusão em massa tinham, inicialmente, um caráter contra-revolucionário, no seu entendimento, sua utilização política como arte democrática feito para e pelas massas tardou e Santos lhe faz eco, porque segundo ambos as novas mídias inauguram um novo modelo de relação com as multidões. Para Benjamin, a recepção e reação ao cinema, ou as imagens em geral, como aparelho técnico precisa ser transformado em objeto das inervações humanas para que se possa perceber os sentidos envolvidos. Ele elege essa linguagem imagética como a mais adequada ao homem moderno, posto que lhe sejam significativas. Tornou-se possível ao ser moderno tomar conhecimento de todos os campos sensoriais da sua percepção humana, este aparato técnico pode mobilizar o corpo em sua totalidade estimulando-lhe o choque e o efeito de distração sem que se deixe de examinar o que está exposto, porque no cinema a experiência se transforma em vivência.

Se considerarmos os estudos de Geertz, sobre a cultura e qual o seu papel na vida social, podemos entender que ele parte de uma perspectiva antropológica, para defender um conceito de cultura semiótico, ou seja, compreende que o homem está ligado a uma teia de significados que ele mesmo tece. Para ele as formas culturais não são passíveis de isolamento, posto que sejam especificidades complexas em suas circunstancialidades. Em Geertz a abordagem

semiótica da cultura auxilia no acesso ao mundo conceitual da imagem, não generaliza através dos casos, mais dentro deles.

A partir das perspectivas abordadas, podemos perceber que as narrativas audiovisuais, são uma poderosa fonte de observação das manifestações históricas econômicas, sociais, culturais, políticas e psíquicas dos ajuntamentos humanos. Percebemos como a linguagem comunicativa é inerente, constituída e constituidora do ser como humano. Que através de sua análise é possível perceber o que aparentemente é natural como construção cultural originária de interesses que podem ser localizados externamente. Percebemos ainda que a linguagem audiovisual é um instrumento de choque, capaz de desmascarar, a ideia de que a superfície do visível e revelar imagens sobreviventes de uma cultura, de uma sociedade, de um tempo que por vezes está presente nas apenas nas sombras da luz do presente.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDRIOLI, Antônio Inácio. SANTO, Robson dos. *Educação, Globalização e Neoliberalismo: O debate precisa continuar*. Revista Iberoamericana de Educação, nº 35/1, 2005.

CURY, Carlos Roberto Jamil. *O público e o privado na educação brasileira contemporânea: posições e tendências*. Cardeno de pesquisas, nº 81, São Paulo, maio/1992, pp. 33-44.

GRAMSCI, A. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. São Paulo: Civilizações Brasileiras, 1989.

LEFEBVRE, Henry. *Lógica formal e lógica dialética*. 2. Ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1979.

LIBÂNEO, José Carlos. *Educação Escolar: políticas, estruturas e organização*. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTIAGO, Luiz. *Crítica: Encontro com Milton Santos ou: O mundo visto do lado de cá*. In: Plano Crítico. Site: <http://www.planocritico.com/critica-encontro-com-milton-santos-ou-o-mundo-global-visto-do-lado-de-ca/>. Visto em 22/06/14, às 22:58h.

SANFELICE, José Luís. *O compromisso ético e político do educador e a construção da autonomia da escola*. São Paulo: Revista Nuances, vol. VI, outubro/2000.

SILVA, Renta Lopes. *Milton Santos: Pensamento Global e Educação*. Ponta Grossa/PR: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2009.

TAVARES, Matheus Avelino. SILVA, Aldo Dantas da. *Introdução ao pensamento de Milton Santos: Reflexões sobre o trabalho do geógrafo*. In: Revista GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 30, pp. 139-148, 2011. Visto em 22/06/14, às 22:32h: <http://www.revistas.usp.br/geousp/article/viewFile/74237/77880>.

ENCONTRO com Milton Santos ou: O mundo global visto do lado de cá. Direção: Silvio Tendler. Produção: Caliban Produções, 2006.

- BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9. ed. São Paulo: HUCITEC, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. 4 ed. São Paulo: Editora Unesp, Hucitec, 1998.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Obras Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- RÜSEN, Jörn. Razão histórica. *Teoria da História I: fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. 3
- RÜSEN, Jörn. Reconstrução do passado. *Teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.
- STAM, Robert. Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa. São Paulo: Ática, 1992.
- VIGOTSKI, Lev Semyonovitch. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins fontes, 1998.
- VYGOTSKY, Lev Semyonovich. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- WERTSCH, James V. *Estudos Socioculturais da Mente*. Porto alegre: Artmed, 1998.
- WERTSCH, James V. *La mente en acción*. Buenos Aires: Aique Grupo Editor S/A, 1999.
- WERTSCH, James V. *Voces de la mente*. Madrid: Visor Distribuciones S/A, 1993.
- WERTSCH, James V. *Vygotsky y la información social de la mente: Cognición y desarrollo humano*. Barcelona/Buenos Aires/Maexico: Piados, 1988.
- WILLIAMS, Raymond. *Literatura e marxismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.